

MD – Madame Duras / sobre o não feito

Nuno Carinhas

Quando acabei de ler *C'est tout*, publicado em 1999, fechei esse e todos os livros de Duras, num reflexo de pudor diante de quem se despedia da vida de forma tão frontal e violenta, como sempre tinha feito.

“Chercher la femme” através da escrita implacável de MD sobre os homens e as mulheres, mergulhar na sua escrita depuradíssima com a força dos grandes mitos – já não de deuses, semi-deuses ou heróis de estirpe bélica, senão de anjos caídos em desgraça abandonada, em passionalidade pandémica: aristocratas, burgueses, mendigos loucos, todos bastardos da moral vigente, possuídos de fervores indolentes, de passagem por ou rechaçados de um qualquer oriente colonial – servia um certo destino de um “malade d’amour”, de uma “maladive jeunesse” de jovem leitor – depois de André Breton, Georges Bataille e Roland Barthes – ou a par deles.

É encantatório o ritmo da escrita, e o ritmo da própria autora que lê/narra com o seu tempo preciso – o tempo de Duras – e nos embala, nos hipnotiza, numa tessitura mântica pontuada de ou/ e de “peut-être”.

Vi primeiro *Son nom de Venise dans Calcutta désert* em sessão única no cinema Quarteto, em Lisboa – os planos de travessias lentíssimas da câmara pela casa vazia, abandonada, antes de ver *India Song* tempos depois em Paris – a mesma banda sonora, mas aqui ilustrada pelos corpos de quem se falava na sua ausência, Delphine Seyrig no

seu jogo mortal de sedução, entre os corpos dos elegantíssimos Michael Lonsdale e Mathieu Carrière. Ao som de uma valsa ao piano de Carlos D'Alessio. Inesquecível.

Vira o mesmo Michael Lonsdale ao vivo em *L'amante anglaise*, com Madeleine Renault e Claude Dauphin, em encenação de Claude Régy em 1976, quando a Compagnie Renaud-Barrault ocupou a Gare d'Orsay. A mesma peça de Duras que Luzia Maria Martins tinha levado à cena no Teatro Estúdio de Lisboa, em 1970, com Helena Félix, Amílcar Botica e Luís Santos.

Duras escritora, colunista, guionista, dramaturga, encenadora ou cineasta, eram uma e a mesma autoria, uma e a mesma voz que já se pronunciara nesse objecto trágico inesquecível – *Hiroshima Mon Amour*, magistralmente filmado por Resnais.

Em Lisboa deu-se um milagre cinematográfico, promovido pelo Centro Nacional de Cultura de Helena Vaz da Silva, em parceria com o Instituto Camões e a Cinemateca de João Bénard da Costa: uma retrospectiva do cinema de Duras. Alguém sabia que eu tentava fazer *L'homme assis dans le couloir* e que planeava concretizar *Le Navire Night*, ambos os textos já em fase de tradução pela iluminada Luiza Neto Jorge. Esta *démarche* tinha a cumplicidade dos produtores Rosi Burguete e José Ribeiro da Fonte, das atrizes Fernanda Alves e Françoise Ariel, do actor Luís Lucas e do escultor Rui Sanches. Imaginem a minha sorte!

MD chega ao Salão Nobre do Teatro S. Luiz e eu percebi que não seria capaz de me aproximar, de tão fechada me parecia, de tão difícil acesso – cabelo escorrido, grandes óculos, mãos decoradas de anéis (tal qual Maria Teresa Horta), saia xadrez, botas: tudo a preto-e-branco. A dor a preto-e-branco. Grandes pausas antes das respostas (como mais tarde ouvi em Pina Bausch).

Declinei o convite para um jantar de eleitos, e a pergunta que lhe fiz, fi-la do meio da plateia em colóquio público: como seria encenar *Le Navire Night*? Longa pausa (alguém na mesa lhe bichanou quem eu era) e a frase saiu com um muito convencional – “Jeune homme” (como me recebiam quando eu entrava timidamente nas lojas parisienses). E então aconselhou-me a fazê-lo com os actores em cena a ouvirem o texto pré-gravado, todas as noites “como se fosse pela primeira vez”. Nessa mesma sessão, ouvimo-la a desancar num encenador que lhe tinha estragado as peças. Era uma zanga

recente com certeza, já que se tratava de Claude Régy, seu grande amigo e cúmplice de sempre.

Receei que os direitos de autor não tivessem a sua permissão, mas enganei-me – teria sido possível, teria sido barato. Não se fez, não houve apoios.

A minha inesperada concretização autoral ocorreu em 1996, com Carlos Pimenta, que me convidou a assegurar o espaço cénico de *Moderato Cantabile* na Sala Estúdio do Nacional D. Maria II – um belíssimo espectáculo com Mónica Calle, Fernanda Alves e Rogério Samora.

Entretanto, surgiram as magníficas traduções de Tereza Coelho, e li Duras em português sem que deixasse de ser Duras – uma das grandes aventuras tradutórias do final do século XX em Portugal.

Há uma inesperada entrevista-documentário de Solveig Nordlung, filmada pela minha amiga Lisa Hagstrand – conversas com nove anos de intervalo, em 1984 e 1993, que visionei anos depois da morte de MD. Na segunda parte do documentário, a mulher a quem tinha sido devolvida a beleza inicial, lavrada pela doença e pelo tempo, sim, mas que recuperara a bela máscara da juventude, revestida a pele de pergaminho, mas luminosa apesar do buraco na traqueia. A mesma serenidade e inteligência, tempos antes de ter escrito *C'est tout* em leito de morte, a outra morte tão diferente de “tu me tue, tu me fait du bien” que nos tinha convencido ser verdade contra a morte.

Nunca mais li os seus livros, nem revi os seus filmes. Mas, ao alinhar estas memórias desalinhas, percebi o quanto espaço ocupou MD e a sua obra na construção da minha intimidade, com a qual eu tenho por certo vindo a aspergir, aqui e ali, o que tenho feito e vivido “à la derive du Night”.

Honra seja, a quem apaixonadamente planeou esta universitária revisitação, para tantos por certo uma primeira descoberta.